

Nomes: _____

O HOMEM QUE CAIU DA CAMA

Quando eu era estudante de medicina, muitos anos atrás, recebi o telefonema de uma enfermeira do hospital que, bastante perplexa, me relatou esta história singular: um novo paciente – um jovem – havia sido admitido naquela manhã. Ele se comportara de modo muito agradável, muito normal, durante todo o dia – na verdade, até poucos minutos antes, quando acordou após ter tirado um cochilo. Pareceu, então, excitado e estranho – nem de longe o mesmo de antes. Ele tinha dado um jeito de cair da cama e agora estava sentado no chão, nervoso, chorando e falando alto, além de se recusar a voltar para a cama. Será que eu não podia, por favor, ir até lá e ver o que estava acontecendo?

Quando cheguei, encontrei o paciente deitado no chão, ao lado da cama, e olhando fixamente para uma perna. Sua expressão era de raiva, susto, atordoamento e espanto – estava principalmente atordoado, e um tanto consternado. Perguntei-lhe se queria voltar para a cama, ou se precisava de ajuda, mas ele pareceu aborrecido com estas sugestões e fez que não com a cabeça. Agachei-me ao lado dele e assim, no chão, tomei nota de seu histórico. Ele havia dado entrada naquela manhã, para fazer alguns testes, disse. Não se queixava de nada, mas os neurologistas, achando que sua perna esquerda estava “preguiçosa” – termo usado por eles –, acharam que ele devia se internar. Sentira-se bem o dia todo e adormecera ao entardecer. Ao acordar ainda se sentia bem, até que se mexeu e descobriu, como ele mesmo disse, “a perna de alguém” na cama – *uma perna humana amputada*, uma coisa horrível! A princípio, ficou atordoado, intrigado e enojado – jamais vira, nem imaginara, uma coisa tão incrível. Ele tocou a perna com cautela. Parecia perfeitamente formada, mas “estranha” e fria. Neste ponto, ocorreu-lhe uma resposta: agora ele compreendia o que tinha acontecido! *Era tudo uma brincadeira!* Uma brincadeira horrível e fora de hora, porém muito original! Era véspera de Ano-Novo e todos estavam comemorando. Metade do pessoal estava bêbada, falando gracinhas e soltando estalinhos; um cenário de carnaval. Obviamente, uma das enfermeiras, com senso de humor macabro, entrou sorrateiramente na Sala de Dissecção, surrupiou uma perna e depois, para brincar com ele, colocou-a por baixo de seu lençol enquanto estava ferrado no sono. Ele ficou muito aliviado com esta explicação, mas achando que há brincadeiras e brincadeiras, e que esta fora longe demais, atirou aquela porcaria para

fora da cama. Porém – neste ponto, seu tom coloquial desapareceu, ele começou a tremer de repente e ficou pálido – *quando atirou aquilo para fora da cama, sem saber como, ele foi atrás – e agora aquilo estava preso nele.*

– Olhe! – gritava, com o rosto transtornado. – Você já viu alguma coisa tão horrível assim? Eu achava que um cadáver fosse apenas um cadáver. Mas isto é sobrenatural! E, não sei como – é horrível – parece que ele está grudado em mim!

Ele segurava a perna com ambas as mãos, com uma violência extraordinária, tentando arrancá-la de seu corpo e, como não conseguia, socava-a num acesso de raiva.

– Devagar! – falei. – Calma! Eu não socaria essa perna assim.

– E por que não? – perguntou, irritado e agressivo.

– Porque é a *sua* perna – respondi. – Você não reconhece sua própria perna?

Ele me olhou com um misto de estupefação, incredulidade, terror e estranheza, a que não faltava uma espécie de desconfiança irônica.

– Ora, doutor! – disse. – Você está me fazendo de bobo! Está de conchavo com aquela enfermeira –, vocês não deviam brincar assim com os pacientes!

– Eu não estou brincando! – respondi. – Essa é sua perna.

Pelo meu rosto ele viu que eu estava falando sério – e foi tomado por uma expressão de completo terror.

– Está dizendo que é a minha perna, doutor? Você não acha que um homem deveria reconhecer a própria perna?

– Certamente – respondi. – Ele *deveria* reconhecer sua perna. Para mim é inconcebível que não a reconheça. Será que não é *você* que está brincando?

– Juro por Deus que não estou... Um homem *deve* reconhecer seu próprio corpo, o que é seu e o que não é, mas esta perna, esta *coisa* – outro arripio de repugnância – não parece de verdade... e não *parece* fazer parte de mim.

– Com que se *parece* então? – perguntei espantado, a esta hora já tão incrédulo quanto ele.

– Com que se parece? – repetiu vagarosamente minhas palavras. – Já vou dizer com que se parece. *Com nada neste mundo.* Como é que uma coisa como esta pode me pertencer? Eu não sei de onde veio isto... – sua voz foi diminuindo, ele parecia aterrorizado e chocado.

– Ouça – falei – acho que você não está bem. Por favor, deixe-nos colocá-lo de volta na cama. Mas antes quero lhe fazer uma última pergunta: se essa... essa coisa... *não é a sua* perna esquerda (ele a tinha chamado de “falsificação” a uma certa altura e se mostrado perplexo com o fato de que alguém chegasse ao ponto de “fabricar” um “fac-símile”) então, onde *está a sua* perna?

Mais uma vez ele ficou pálido – tão pálido que cheguei a pensar que fosse desmaiar.

– Não sei – disse. – Não tenho a mínima idéia. Desapareceu. Foi embora. Não está em lugar nenhum...

Após ler o texto responda:

1) Qual o quadro clínico?

2) Qual o provável diagnóstico?